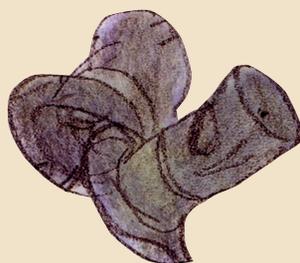


Um conto de Natal

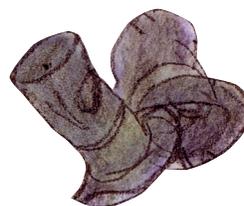
Charles Dickens



adaptação de Laura Bacellar
ilustrações de Sergio Martinez



editora scipione



Coordenação editorial

Adilson Miguel

Editora assistente

Bruna Beber

Revisão

Paula Teixeira

Lilian Ribeiro de Oliveira

Edição de arte

Marisa Iniesta Martin

Diagramação

Fábio Cavalcante

Programação visual de capa e miolo

Aida Cassiano

Elaboração do encarte

Thiago Barbalho



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE

Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br

e-mail: scipione@scipione.com.br

2015

ISBN 978-85-262-8146-2 – AL

ISBN 978-85-262-8147-9 – PR

CAE: 265037 AL

Cód. do livro CL: 737172

1.ª EDIÇÃO

2.ª impressão

Impressão e acabamento

Adaptado de *A Christmas Carol (film tie-in)*, de Charles Dickens. Londres: Penguin Books, 2007.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bacellar, Laura

Um conto de Natal / Chales Dickens; adaptação de Laura Bacellar; ilustrações de Sergio Martinez. – São Paulo: Scipione, 2011. (Série Reencontro infantil)

Título original: *A Christmas Carol*.

1. Natal – Contos – Literatura infantojuvenil
I. Dickens, Chales, 1812-1870. II. Martinez, Sergio.
III. Título. IV. Série.

11-01132

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos de Natal: Literatura infantojuvenil 028.5
2. Contos de Natal: Literatura juvenil 028.5



Sumário



O fantasma de Marley	4
O primeiro dos três espíritos	18
O segundo dos três espíritos	28
O último dos espíritos	36
O final	44
Quem foi Charles Dickens?	48
Quem é Laura Bacellar?	48
Quem é Sergio Martinez?	48

O Fantasma de Marley

Para começo de conversa, Marley estava morto. Mortinho da Silva. Ele se chamava Jacob Marley, Silva não era seu sobrenome e aliás nem sei por que é que se usa essa expressão. Mas o fato é que ele estava morto e enterrado, e Scrooge sabia bem disso.

Sim, porque Scrooge havia sido seu sócio e o nome de Marley ainda estava pintado na placa da empresa dos dois. Ele havia sido também seu único amigo e herdeiro, mas no dia do funeral Scrooge havia feito um ótimo negócio. Até hoje, anos depois, ninguém sentia falta de Marley nem perguntava por ele.

Scrooge era um mão-fechada. Duro e áspero como a pedra de um isqueiro, mas dele não saía sequer uma faísca de generosidade. Fechado feito uma ostra, sua face era enrugada e sempre mal-humorada. Os lábios finos permaneciam apertados e nunca se estendiam em um sorriso. Quando andava pelas ruas, ninguém se atrevia a perguntar: “Como está? Como tem passado?”. Ninguém lhe pedia informações ou moedas na rua. Até mesmo os cães dos cegos se afastavam de seu caminho.

Scrooge não ligava, até gostava. Mantinha longe qualquer simpatia, já que esta não lhe rendia um centavo.

Certo dia – e este dia era justamente a véspera do Natal –, o velho Scrooge estava sentado em seu escritório fazendo a contabilidade. O dia estava gelado como uma tumba, a neblina escondia até mesmo as casas do outro lado da via. As pessoas no pátio no edifício tossiam e batiam os pés no chão, tentando esquentar-se. Os relógios da cidade haviam soado três da tarde, mas já estava quase escuro naquele dia de inverno em Londres, as velas nas janelas iluminavam pouco da noite que chegava.



Scrooge tinha deixado a porta de seu escritório aberta para vigiar seu funcionário, que estava num cubículo ainda mais frio e escuro que o seu, copiando documentos. O fogo na sala de Scrooge era pequeno e aquecia pouco, e o de seu funcionário tinha apenas uma pedra de carvão. Como a caixa de carvão ficava perto do patrão carancudo, o funcionário tinha que trabalhar no frio mesmo, enrolado em uma manta para não tremer demais.

– Feliz Natal, tio! – ouviram de repente a voz animada do sobrinho de Scrooge que entrava na sala.

– Bah! Que besteira! – respondeu Scrooge.

O rapaz tinha andado rápido pelas ruas congeladas e estava com as faces vermelhas. Seus olhos brilhavam, apesar do frio fazê-lo soltar vapor pela boca.

– O Natal é uma besteira, tio? – perguntou sem perder o bom humor.

– Claro! Feliz Natal! O que há de feliz no Natal? Que razão tem para ser feliz, você que é tão pobre?

– E que razão tem para ser tão mal-humorado, o senhor que é tão rico? – respondeu o sobrinho com um sorriso.

O velho grunhiu: – Como posso ser feliz num mundo de gente tão estúpida? Feliz Natal para quê, se todos vão ter que pagar as contas com ainda menos dinheiro? Todos um ano mais velhos e nem um centavo mais ricos! Quem deseja “feliz Natal” devia ser assado junto com o peru e enterrado com folhas de azevinho.

– Tio! – chocou-se o sobrinho.

– Deixe-me em paz. Para que serve o Natal?

– Além de ser uma data sagrada, é um tempo de perdão e de fazer o bem. É a única data do calendário em que as pessoas abrem o coração e se recordam de quem tem menos. E todos lembramos de que somos colegas passageiros nesse mundo, a caminho do mesmo final. Apesar de não ganhar dinheiro com o Natal, fico feliz.

O funcionário aplaudiu sem querer aquele sentimento, depois se encolheu em seu canto frio sob o olhar de Scrooge.

– Belas palavras. Você devia entrar para a política – disse o velho com ironia.